

O HUMOR: ENUNCIADO, ENUNCIÇÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDO

Por Waldênia Klésia Maciel Vargas Sousa (PG-UFG)¹ &
Eliane Marquez da Fonseca Fernandes (UFG)²

Palavras iniciais: o humor na trama do discurso

O humor desmascara assuntos e trata de temas tabus que se instauram histórico-socialmente, tendo o objetivo de dizer a ‘verdade’ sobre algo utilizando o riso. De acordo com Saliba (2002, p. 18) “o humor constitui uma forma de representação privilegiada da história das sociedades”, pois descortina aquilo que poderia estar encoberto pelos discursos considerados sérios. Contudo, o efeito de riso só é possível devido à existência de elementos inerentes ao discurso, a saber: enunciado, enunciação e produção de efeitos de sentido, entre outros.

Tratamos destes elementos baseados nos pressupostos teóricos levantados por Mikhail Bakhtin, bem como, sob o enfoque da Análise de Discurso de orientação francesa, doravante AD. Neste trabalho analisamos enunciados efetivamente ditos e ligados ao campo discursivo político. Esses enunciados são deslocados para o campo discurso humorístico, e, por se encontrarem materializados no gênero charge, cuja função principal é a crítica derrisória, acabam desqualificando a personagem ou fato político a que se refere, gerando o efeito de humor.

Em suma, nossa pesquisa se justifica como contribuição aos estudos discursivos, demonstrando mais uma maneira de observarmos a mobilidade e singularidade do discurso/enunciado conforme argumenta Gregolin (2006, p. 27), ao afirmar que “[...] a análise de discurso busca compreender o enunciado na singularidade de sua situação, a condição de sua existência, na correlação com outros enunciados, em suma, qual é a natureza de sua singular existência, que vem à tona em um momento histórico”.

O enunciado, a enunciação³ e o dialogismo bakhtiniano

A perspectiva teórica à qual nos filiamos é a AD francesa, bem como aos pressupostos da filosofia da linguagem e à “teoria/análise dialógica do discurso” (BRAIT, 2008a, p. 9-10) de Mikhail Bakhtin, conforme dito anteriormente. Para esse estudioso, a língua/linguagem é constitutivamente dialógica, o que significa dizer que o outro⁴ é fundamental para a existência da língua e dos possíveis efeitos de sentido que possam surgir no processo de interação. Selecionamos um trecho dos escritos bakhtinianos que resume a maneira como o autor concebe a língua:

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Goiás – UFG.

² Professora no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Goiás – UFG.

³ Para fins de estudo, separamos enunciação e enunciação, porém entendemos que estes conceitos estão indissoluvelmente ligados.

⁴ O outro para Bakhtin não é apenas o indivíduo, mas os discursos que o constituem, assim, o dialogismo é mais que uma relação entre pessoas, é interação entre visões de mundo, entre discursos, etc., formando o interdiscurso, isto é, relação entre enunciados.

A verdadeira substância da língua não é um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou *das enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra 'diálogo' num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN, 2006, p. 125)

Contudo, os sentidos só podem se constituir se houver a materialidade linguística ou, dizendo de outra maneira, a interação e a produção de sentidos ocorrem através de enunciados efetivamente ditos. Porém, antes de nos atentar à definição de enunciado, precisamos entender o que é discurso, visto que essas concepções parecem ser idênticas, embora não sejam. De acordo com Bakhtin

[a] definição terminológica e a confusão em um ponto metodológico central no pensamento linguístico são o resultado do desconhecimento da *real unidade* da comunicação discursiva – o enunciado. Porque o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e dessa forma não pode existir. (2003, p. 274)

Portanto, o discurso são os valores e conhecimentos dos indivíduos, enquanto sujeitos sociais. Esses valores e saberes só podem manifestar-se através de enunciados, isto é, aquilo que é efetivamente dito em um processo de enunciação concreta. O discurso e o enunciado estão interligados e são, de acordo com a perspectiva adotada, interdependentes.

A real unidade da comunicação discursiva é o enunciado, é aquilo que pode ser visto ou ouvido; o enunciado é a materialidade linguística, e como tal, pode ser repetido em várias outras situações comunicativas. Porém, a cada vez que o enunciado for repetido, ganhará outro sentido, pois estará inserido em outra situação, em outro momento histórico, isto é, o sentido do enunciado está irremediavelmente ligado à situação de produção, portanto, não há como separá-los. Nas palavras de Bakhtin (2006, p. 132). “o tema da enunciação é determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as entonações, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entonações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação”.

Observado deste ponto de vista, podemos afirmar que o enunciado é irrepetível, pois é impossível reproduzir exatamente a situação na qual ele foi proferido, materializado primeiramente. De acordo com Bakhtin

[um] sentido definido e único, uma significação unitária, é propriedade que pertence a cada enunciação *como um todo*. Vamos chamar o sentido da enunciação completa o seu *tema*. [...] O tema da enunciação é na verdade, assim como a própria enunciação, individual e não reiterável. Ele se apresenta como a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação. (2006, p. 131)

Outra propriedade importante do enunciado está no fato de este sempre responder a outro enunciado e de suscitar respostas aos enunciados que irão surgir em decorrência do surgimento do primeiro. Assim,

[os] enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmo; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. Esses reflexos mútuos lhes determinam o caráter. Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo: ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. (BAKHTIN, 2003, p. 297)

É neste ponto que reside nossa atenção ao empreender este trabalho, pois as charges que ora selecionamos são repetições, ecos de outros enunciados, enunciados que são, constantemente, deslocados do campo discursivo político para o campo discursivo do humor. Contudo, as repetições mantêm relações históricas com o primeiro enunciado, pois se não existisse o primeiro, o segundo não poderia emergir. O segundo enunciado é resposta ao primeiro e, sem receio, afirmamos que outros ditos virão responder a este segundo e assim por diante, formando uma rede de enunciados: o interdiscurso.

No *corpus* verificamos que o deslocamento de enunciados, além de gerar humor, também causa outro fenômeno importante para o campo discursivo ligado à política: a derrisão, noção que estudaremos a seguir.

Gênero do discurso: a charge e a função social do riso derrisório

A formulação da noção de gênero discursivo gera mudanças no paradigma dos estudos linguísticos. No entanto, apesar de essa noção figurar desde os estudos de Platão e Aristóteles, entre outros, conforme afirma Marcuschi (2008), a partir dos escritos bakhtinianos esse tema obtém relevância, a ponto de revolucionar os estudos sobre a língua e, conseqüentemente, o ensino nas escolas.

A noção de gênero discursivo não é uma aplicação didática, classificatória e sim uma maneira de conceber os diversos campos da comunicação humana, por isso, são mais que regras de bem escrever; é algo inerente à linguagem, à sociedade: o homem se comunica através de gêneros discursivos, pois

[a] vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na *escolha de um certo gênero de discurso*. [...] Falamos através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do todo*. [...] Esses gêneros do discurso nos são dados quase da mesma forma que nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo teórico da gramática. A língua materna – sua composição vocabular e sua estrutura gramatical – não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas mas de enunciações concretas que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam. (BAKHTIN, 2003, p. 282-283)

Cada gênero possui função definida, sendo utilizados em diferentes campos discursivos, isto é, “em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo. Uma determinada função e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados tipos de enunciados” (Bakhtin, 2003, p. 266). Assim, podemos afirmar que a tese está mais para o discurso acadêmico e o sermão está mais para o discurso religioso, sem que isso se torne uma classificação fechada, pois percebe-se,

em gêneros como a charge, características que agregam dois discursos simultaneamente: o político e o humorístico.

O humor é um aspecto importante para a sociedade. De acordo com Brait (2008b, p. 17) o discurso humorístico “possibilita o desnudamento de determinados aspectos culturais, sociais ou mesmo estéticos, encobertos pelos discursos mais sérios e, muitas vezes, bem menos críticos”. Isso ocorre porque o sujeito que enuncia através de enunciados humorísticos não pode ser julgado pelo que diz. Sobre o discurso humorístico não recaem as regras forjadas durante a história e que se perpetuam e recaem sobre outros discursos.

Contudo, é importante dizer que o discurso humorístico trabalha contra tabus e ao mesmo tempo os cria, pois quando um judeu ou homossexual é alvo de uma piada, o enunciador, autor da piada, está fortalecendo um tabu constituído historicamente. Assim, em certa medida, o discurso humorístico sobre a política reforça algumas “verdades” cristalizadas, e, às vezes, até banaliza este tema, com afirmações sobre os políticos corruptos, o poder corrompe as pessoas, entre outros.

Por outro lado, ao criticar a política, espera-se uma reação, uma atitude responsiva do público alvo em relação ao que é dito em uma charge ou piada sobre os políticos/política, seja qual for a natureza da atitude: um pensamento, uma revolta, um discurso de oposição ou simplesmente o riso. Chegamos, então, à função social do discurso humorístico sobre a política: a crítica reflexiva. Devemos entender que o discurso político é sério e como todo discurso que envolve a seriedade, conforme afirma Bakhtin (2003), ele quer se estabilizar, se auto-preservar, sendo esta a sua obstinação. O riso já é despreocupado e através da crítica, causa efeitos devastadores: destrona, desarticula, desestabiliza, causa polêmica em torno de algum fato ou personagem político.

O processo de destronamento ou desqualificação é um mecanismo linguístico/discursivo ao que podemos denominar de derrisão. Esse processo consiste em uma estratégia argumentativa na qual se associam o humor e a agressividade/crítica (BARONAS; SIQUERI, 2006). Nas charges selecionadas como *corpus* desta pesquisa, observamos que ao deslocar o enunciado do campo discursivo político para o campo discursivo humorístico, o enunciador/autor utiliza-se da derrisão como procedimento para argumentar contra o discurso político. Assim, o enunciado descolado de seu campo discursivo primitivo já é outro. Percebe-se no segundo enunciado uma negação do já-dito e essa negação dá-se em forma de crítica derrisória, desqualificatória, gerando o riso através da ridicularização.

Observemos que a derrisão utiliza-se de um enunciado efetivamente dito em um campo discursivo determinado, considerado o discurso original ou primeiro e a repetição desse enunciado, consideramos um outro enunciado ou o enunciado segundo, que emerge como resposta ao primeiro. O processo derrisório subverte e perverte o primeiro discurso e, ao mesmo tempo, cria uma imagem negativa do enunciador do primeiro discurso (BARONAS; SIQUERI, 2006). O primeiro discurso quer estabilizar-se e o segundo quer desestabilizar o primeiro. Esse jogo entre o dito e o repetido gera o humor e simultaneamente a crítica, pois na necessidade de se preservar, o discurso primeiro também critica o segundo, em movimentos e deslocamentos constantes.

Os deslocamentos ou repetições que encontramos nos enunciados não constroem os mesmos efeitos de sentido, ou seja, os enunciados “[...] remetem ao mesmo fato, mas não constroem a mesma significação”, são, portanto, paródias ou “paráfrases que aludem ao mesmo fato, mas que não têm a mesma significação” (GREGOLIN, 2006, p. 27). Essa constatação nos revela duas noções importantes:

- a) o sentido está ligado à situação, isto é, ao momento da enunciação;
- b) o signo é ideológico e carrega duas (ou mais) facetas distintas, ou seja, o signo ideológico é arena de lutas.

O signo ideológico de Bakhtin: arena de lutas

Os escritos bakhtinianos nos mostram várias noções que surgiram ao longo de pesquisas sobre a linguagem e o aspecto social desta. Por isso, não são conceitos fechados e aplicáveis, como afirmamos anteriormente. Contudo, são percebidas ramificações ou manifestações dessas noções ao observamos outros objetos que não aqueles estudados por Bakhtin: os textos literários. Entendemos que as noções instituídas por Bakhtin são universais e podem ser percebidas em vários enunciados do cotidiano. Assim, é o objeto quem demonstra quais noções estão ali presentes ou não, cabendo a nós, pesquisadores, apenas encontrá-las.

Na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929), Bakhtin discorre longamente sobre o signo; não o signo saussuriano⁵, aquele que une um significado a um significante, aquele que pertence ao sistema fechado da língua, assim denominado de signo linguístico. Para Bakhtin (2006), o signo é irremediavelmente ideológico, tendo a propriedade de significar atrelado a si concepções ideológicas que auxiliam na produção de sentidos, sendo a base desses sentidos as relações sociais nas quais é produzido. De acordo com Bakhtin (2006, p. 43), “realizando-se no processo da relação social, todo signo ideológico, e portanto também o signo linguístico, vê-se marcado pelo *horizonte social* de uma época e de um grupo social determinados”, ou seja, o signo ideológico é a junção entre o signo linguístico (palavra) e a ideologia (determinada pelas relações sociais).

Outra questão importante na obra de Bakhtin (2006) é a luta de classes que ocorre através e no signo ideológico. Nesta perspectiva, ao enunciar o locutor está manifestando sua visão de mundo, seus conhecimentos, sua interação com outros discursos. A união desses aspectos possibilita que um enunciado possa emergir e é somente através desse enunciado, dessa materialidade, é que conseguimos chegar à formação ideológica do sujeito. Assim, o sujeito só diz o que diz porque está inserido em uma determinada formação ideológica.

Bakhtin explica que o sujeito, “o ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se refrata. O que é que determina esta refração do ser no signo ideológico? O confronto de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica, ou seja, *a luta de classes*” (2006, p. 45). A partir daí podemos dizer que determinados signos pertencem à determinada formação ideológica e só significam o que significam por estarem inseridos nela. Assim, à medida que deslocamos um signo de determinado lugar e o enunciamos em um outro,

⁵ Sobre signo linguístico cf. SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

ele pode tomar outra conotação e produzir enfim outros efeitos de sentido, pois ao deslocar-se, este signo se relaciona com outra formação ideológica. Portanto, o mesmo signo pode ter mais de um sentido e tornar-se uma arena de lutas ideológicas.

A “marolinha” que virou *tsumani*: o fato torna-se acontecimento

Para exemplificar o recorte teórico que fizemos até aqui, selecionamos duas charges, publicadas em diferentes mídias (jornal impresso – O Popular e *internet*). Ambas são repetições, respostas à entrevista concedida pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 04 de outubro de 2008, na qual ele fala sobre a Crise Financeira Mundial e seus efeitos, produzindo o seguinte enunciado: “Lá (nos EUA), ela é um *tsunami*; aqui, se ela chegar, vai chegar uma marolinha que não dá nem para esquiuar”.

Observe-se que no trecho retirado da entrevista, o termo ‘marolinha’ é utilizado como metáfora para minimizar a crise e seus efeitos, com o objetivo de tranquilizar os brasileiros, visto que a crise não teria força para fazer qualquer estrago na economia, sendo comparada a uma pequena onda, ou para não fugir à materialidade do enunciado, a crise seria “uma marolinha”. Vejamos, então, que o termo ‘marolinha’ mantém o campo semântico referindo-se ao movimento do mar, mas no momento da enunciação este termo está atrelado à ideologia política do atual governo, sendo utilizado para se defender e demonstrar a estabilidade da atual política econômica. Enfim, a palavra ‘marolinha’, refere-se à crise, mas de uma maneira positiva nesta situação, portanto, encontra-se materializado no campo discursivo político, carregando assim a formação ideológica predominante neste campo.

O termo *tsumani*⁶ também pertence ao campo semântico marítimo, designando uma grande onda, capaz de grandes efeitos destrutivos. O Presidente utiliza este termo comparando os efeitos da crise financeira que ocorreriam nos Estados Unidos, demonstrando que lá a crise produziria verdadeiras catástrofes na economia e no Brasil isso não aconteceria.

Infere-se, portanto, que os termos *tsunami* e ‘marolinha’, apesar de descreverem movimentos marítimos, neste enunciado proferido por Lula, nestas condições de produção, neste momento histórico, estão atrelados ao campo discursivo político e constituem-se como signos ideológicos, pois para o interlocutor que possui os conhecimentos enciclopédicos⁷ relacionados à entrevista, ao mencionarmos os termos acima, possivelmente será feita uma interrelação com a crise financeira e a fala de Lula.

A entrevista concedida por Lula tem como objetivo tranquilizar a população. Entretanto, o fato da entrevista do Presidente e suas declarações soam mal. Infere-se que o Presidente não percebe a grandeza da crise econômica e, por conseguinte, não está preparado para o evento de sua chegada. O fato da entrevista torna-se um acontecimento (Foucault, 2009b), pois, estimulados pelo enunciado proferido pelo presidente, surgem ecos e aparecem outros ditos relacionados ao primeiro, dos quais o discurso humorístico das charges faz parte.

⁶ O Presidente Lula faz menção ao termo *tsunami* devido às catástrofes que atingiram algumas ilhas do Oceano Índico em 2004, dentre elas a Tailândia, causando destruição e mortes naqueles locais. Antes deste acontecimento, pouco se falava a respeito. Essas grandes ondas, ao contrário das marolas, não são movimentos naturais do mar. Só ocorrem em situações específicas, isto é, quando o fundo do mar sofre uma deformação súbita, deslocando verticalmente uma massa de água.

⁷ Por conhecimentos enciclopédicos entenda-se o conhecimento de mundo que um sujeito detém.

Ao observarmos as repetições dos enunciados que se seguem nas charges, perceberemos que eles dizem “pela primeira vez aquilo que, entretanto, já havia sido dito” e repetem “incansavelmente aquilo que, no entanto, não havia jamais sido dito” (Foucault, 2009b, p. 25). De acordo com Foucault (2009b, p. 26), a repetição “permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado”, assim, “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta.”



Figura 1

Disponível em: <http://blogdosimontaylor.blogspot>, acesso em 18 de nov de 2008

O processo desqualificatório da derrisão neste texto atinge outra personalidade política: a Ministra Chefe da Casa Civil Dilma Rousseff, uma das pré-candidatas à presidência da República nas Eleições que ocorrerão no final de 2010. Dilma é fiel seguidora de Lula e de suas políticas econômicas. Dilma é idealizadora do PAC (Plano de Aceleração do Crescimento), projeto que também tem provocado duras críticas que não cabe aqui mencionar. O importante é dizer que como candidata de Lula e do PT, Dilma se insere ou se filia à mesma formação ideológica. Isso é alvo de crítica nesta charge, pois se o Presidente, aos olhos do locutor, está cometendo um erro ao ignorar a *tsunami* que se aproxima, Dilma cometerá os mesmos erros. A crítica derrisória que recai sobre a ministra nesta charge a desautoriza para assumir o cargo do poder executivo de maior prestígio e poder no Brasil.

O humor provém de três elementos: a) a ministra dançando na chuva e o Presidente como maestro desta catástrofe; b) a enorme onda que está prestes a atingir os dois desavisados; c) o desenho dos frágeis guarda-chuvas que protegem os dois. Isso forma o quadro perfeito para a crítica que ridiculariza essas duas personalidades do mundo político e causa assim o efeito de humor crítico e derrisório do gênero charge.

Temos nesta charge o enunciado “I’m sing in the rain” (Eu estou cantando na chuva), pronunciado pela figura que simboliza a ministra Dilma. Este enunciado, também foi deslocado,

sendo proferido primeiramente no campo musical e repetido em filmes americanos. Contudo, ele está sendo proferido em outras condições de produção tem outro sentido e causa, sobretudo, o efeito de humor, pois percebe-se a total despreocupação com a crise e até certa alegria em estar ali, prestes a ser atingido por uma grande quantidade de água. Isso remete à possível incompetência das personagens que confundem chuva com *tsunami*, ou seja, confundem uma grande crise com pequenos problemas financeiros.

Observemos a repetição do termo ‘marolinha’ no título: *As últimas da marolinha*. Ele nos lembra a maneira pela qual as notícias importantes são anunciadas em telejornais e deixa entrever que mais notícias sobre esse acontecimento irão surgir, basta esperarmos. Conclui-se que o festival de enganos sobre os efeitos da crise ainda não acabaram e, diferente do que pensam o Presidente e a Ministra, a crise não é uma ‘marolinha’ e sim um *tsumani*.

Importante observarmos o enunciado proferido por Lula: “Agora com mais entusiasmo”. Refletindo e analisando este enunciado fica evidente a posição política do autor da charge, que culpabiliza o Presidente e o torna o responsável por reger a grande tragédia que irá assolar a economia brasileira, pois diante de um acontecimento perigoso para o país, pouco se faz. Diante da cena proposta pelo chargista, percebemos outro campo discursivo deslocado para o campo discursivo político-humorístico: o campo musical. Basta observarmos o trecho de uma música cantado por Dilma, o apoio para partitura próximo a Lula e a batuta que ele segura. Vemos então, que não se pode prever quais discursos serão mobilizados por um enunciado.

Igualmente, sabemos que a charge trabalha com o exagero, por isso, culpar uma ou duas personalidades por uma crise não redime outros sujeitos pelos problemas que ocorrem no Brasil. Além disso, sabe-se que medidas foram adotadas pelo governo a fim de estimular a economia e o consumo e assim, amenizar os efeitos da crise. Nosso objetivo é demonstrar que um enunciado proferido em determinadas condições pode ser repetido total ou parcialmente em outras condições de produção e portanto, não será mais o primeiro enunciado, mas outro, que, contudo, liga-se ao primeiro e a ele responde.



Figura 2

O Popular, 12 de mar de 2009.

O texto chágico mostra, de forma evidente, quem será a vítima do processo discursivo derrisório: o Presidente Lula, o sujeito enunciador do discurso primeiro já citado anteriormente (entrevista sobre a crise). Percebemos isso pela grande semelhança física que há entre a personagem e o Presidente Lula, principalmente pela referência à barba, bem como pela presença do enunciado proferido por ele dizendo que a crise chegaria ao Brasil como uma ‘marolinha’.

Pode-se observar que a personagem dialoga com uma pequena onda, uma ‘marola’, assim, o sufixo ‘inha’ reforça a total insignificância da crise para o Presidente, que na charge está sorridente, otimista, pois sua previsão sobre a crise foi acertada: ela não causaria danos ao Brasil. Entretanto, para nossa surpresa, o autor do texto nos mostra que o Presidente estava errado e a pequena onda não é a crise e sim o PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro, que segundo previsões de analistas financeiros teria um dos menores índices registrados nos últimos anos, um dos efeitos da Crise Financeira. O semblante triste da pequena onda comparada ao PIB demonstra a insatisfação desta em relação ao seu tamanho.

O humor desta charge está a cargo do *tsunami* que está prestes a atingir a personagem identificada como Presidente, e este, distraído, não percebe o perigo iminente e sequer corre para proteger-se desta onda enorme: a crise. O riso emerge através da derrisão, da crítica que ridiculariza e desqualifica a figura da maior autoridade brasileira: o Presidente.

O deslocamento que ocorre do termo ‘marolinha’ nas duas charges, de um para outro campo discursivo, são fundamentais para que o humor e a crítica, funções atribuídas à charge, enquanto gênero discursivo, possam ser percebidas pelo interlocutor. Além disso, esse deslocamento corrobora com nossa tese inicial de que a palavra do locutor é utilizada contra ele no processo de derrisão. Verificamos que o termo utilizado é o mesmo – marolinha –, o que identifica a fala como sendo a do presidente. Entretanto, no momento da repetição a ‘marolinha’ já é outro signo, está ligado à outra ideologia, tem outra função, e, além disso, é enunciado em outra situação, para outros interlocutores, portanto, terá outros efeitos de sentido que não eram aqueles pretendidos pelo primeiro locutor.

A luta de classes, na qual o signo é fundamental, é evidente, pois verifica-se de um lado o governo e de outro aqueles que não concordam com ele e suas decisões políticas e, por isso, procuram formas de criticar e desqualificar suas ações. Assim, nas charges o termo ‘marolinha’ é utilizado de forma negativa. Tudo isso ocorre utilizando-se o mesmo signo lingüístico ‘marolinha’, mas este se dividirá em dois signos ideológicos: um positivo e um negativo, pois estarão inseridos em diferentes campos discursivos.

Assim, os deslocamentos/retomadas do todo ou trechos do enunciado proferido por Lula durante a entrevista, demonstram duas forças em oposição: de um lado os sujeitos e enunciados pertencentes ao campo discursivo político da situação, de outro, os sujeitos e enunciados inseridos no campo discursivo humorístico, sendo no signo ideológico a arena onde ocorrem esses embates. Percebe-se, enfim, que o humor é realmente uma forma privilegiada de representar a sociedade, pois o riso possibilita o aparecimento da contra-palavra, o surgimento de discursos

não autorizados, mas igualmente importantes, pois podem dizer o que outros discursos não podem por estarem inseridos na arriscada e controlada ordem do discurso (FOUCAULT, 2009b).

Considerações finais

O percurso realizado neste trabalho possibilita aos analistas do discurso rever várias noções fundamentais, tais como: enunciado, enunciação, gênero do discurso, efeitos de sentido, entre outras. Além disso, as análises permitiram entender como essas noções podem ser percebidos em textos do cotidiano.

Ressaltamos que o estudo realizado não é conclusivo, por isso, outras interpretações dos textos selecionados por nós podem surgir, porém, mesmo que isso ocorra, já não será mais este enunciado que irá vir à tona e sim outro, pois sabemos que o enunciado não se repete: é impossível remontar todos os elementos que possibilitaram que tal enunciado surgisse. Tais repetições podem responder a este enunciado sem que isso descarte o enunciado primeiro.

Sabemos que um enunciado jamais fará com que o outro desapareça, mesmo que o surgimento de outro enunciado seja para negar ou criticar o primeiro. Um só pode existir em decorrência da existência do outro. Ambos convivem num eterno jogo de oposição, caso sejam discursos contrários, como é o caso dos discursos presentes nos textos analisados neste trabalho. Além disso, observamos que os deslocamentos de enunciados de um campo discursivo para outro produzem diferentes efeitos de sentido, por estarem ligados à formações discursivas distintas.

No entanto, ao nos propormos esta difícil, porém, instigante tarefa de estudar o discurso e seus deslocamentos, corremos perigo e

[o] perigo, em suma, é que em lugar de dar fundamento ao que já existe, em lugar de reforçar com traços cheios linhas esboçadas, em lugar de nos tranquilizarmos com esse retorno e essa confirmação final, em lugar de completar esse círculo feliz que anuncia, finalmente, após mil ardis e igual número de incertezas, que tudo se salvou, sejamos obrigados a continuar fora das paisagens familiares, longe das garantias a que estamos habituados, em um terreno ainda não esquadrihado e na direção de uma final que não é fácil prever. (Foucault, 2009a, p. 44)

Portanto, ao empreender esta pesquisa, estamos mais uma vez nos inserimos na arriscada ordem do discurso, nos enveredado por caminhos opacos e densos, porém admitindo que, queiramos ou não, somos sujeitos desses discursos que emergem e ao mesmo o tempo se impõem a nós.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes. 2003. 476 p.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. De M. Lahud e Y. F. Vieira. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARONAS, R. L. & SIQUERI, M. S. Derrisão em caricaturas políticas: observações sobre interincompreensão intersemiótica. In: NOLASCO, E. C. & GUERRA, V.M.L. (orgs) *Discurso, Alteridades e Gênero*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2006, p. 56-70.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: _____ (org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008a. p. 9-31.

_____. *Ironia em Perspectiva Polifônica*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2008b, 294 p.

FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009a.

_____. *A Ordem do discurso*: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2009b.

GREGOLIN, M. R. AD: Descrever – Interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In: NAVARRO, P. (org.) *Estudos do texto e do discurso*: mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 19-34.

MARCUSCHI, L. A. *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SALIBA, E. T. *Raízes do Riso*: a representação humorística na história brasileira da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, 366 p.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.